

O ESTILINGUE

arte em movimento

**MITO
LITERATURA
ARTE
MOBILIDADE URBANA
OPINIÃO
E LOUCURAS AFINS**

Somos feitos de Reis e Rainhas,
Somos feitos raízes,
Persistentes, sempre crescendo,
Fixando doutrinas sem medo...
...de falar ou de lutar!
sem medo de responder
às forças da opressão

José S. Grando

Ano 2013 / Nº 13
agosto, setembro e outubro



Nós, do Coletivo de Escritores Periféricos de Itajaí, acreditamos em um mundo melhor, mais justo e cheio de paz. Temos o prazer de trazer à luz do dia este brado literário e libertário, Pois somos feitos de Reis e Rainhas. Somos feitos raízes, persistentes. Sempre crescendo. Fixando as nossas doutrinas, sem medo de falar ou de lutar!

Lutamos por dias melhores, nestes conturbados tempos da comunicação massificada, instantânea e mundializada, de ondas, modas passageiras e artificiais, de peças ocas e seriadas da indústria cultural de massa.

Existimos, afinal! Existimos e ganhamos as ruas, dobramos as esquinas e ocupamos as praças públicas, erguemos os nossos acampamentos e levantamos os nossos cartazes e bandeiras em protesto. Bradamos, enfim, as nossas palavras de ordem, a nossa arte tão marginalizada, ignorada e tão despercebida.

Enfim existimos, para além das zonas periféricas, favelas, aldeias e florestas. Existimos para além de estereótipos e das violências de todos os tipos. Um fraternal abraço e uma boa e agradável leitura para todos e todas.

Dedicamos esta edição para:

Eleane da Costa

Raquel da Costa

Foto: Leticia Regina Rita



Alma pura que fala a verdade
Alma simples que diz:
“Não quero ser dominado”

José L. Grando

FORO

APESAR DA FORTALEZA

Amariles Campos Machado

18 de maio de 2013

Existe algum crime em ser óbvia, ao invés de viver se esquivando da verdade? Se existe, eu me declaro criminosa. Não quero dizer que sou perfeita, pois sei odiar, perdoar, conquistar e, acima de tudo amar. Mas também sei abrir mão, quando quero, do que não me faz bem, e isso se chama coragem. Acho que meu grande defeito é ser simplesmente eu... - não imito, não finjo e não represento, isso é ser forte. No entanto, apesar da fortaleza, também sou como névoa fina levada por uma aragem, em outros momentos, finco os pés no chão ao ponto de não ser movida nem por um furacão.

Sou simples, não permito em meu caminho ne-

nhum entrave. Sou clara, não deixo por onde passo, pegadas invisíveis, sempre pisarei firme, terei meus pés caminhando com firmeza. Muitos dirão ser isso um sinal de personalidade forte, e eu até concordo ser possuidora de uma personalidade forte, sem com isso ser prepotente ou arrogante. Apesar de tudo isso afirmo que sou frágil, tendo momentos que me quebro como um cristal muito fino. Mas, mesmo em pedacinhos, jamais fico inerte, parada, sem nada fazer, sem nenhuma atitude.

Me apresso em juntar os cacos, como um quebra-cabeça de muitas peças e, mesmo sofrendo, sentindo muita dor, colo todos os pedaços, espero que a “cola” seque e prossigo, se não renovada, pelo menos inteira novamente. Penso que tudo que se parte tem conserto, inclusive o coração, não digo com isso que sou insensível, muito pelo contrário, tenho uma sensibilidade pouco comparada a de muitas pessoas, mas como ninguém enxerga isso, ninguém chora por

O Estilingue

mim nem sente minha dor, só me resta usar o mecanismo de defesa e sobreviver chorando por mim, sorrindo por mim e sendo feliz comigo mesma.

As pessoas que me rodeiam, não percebem que também sinto frio, medo, insegurança, que choro por ter perdido um amor apenas por não ter sido compreendida, julgada sem ter sido analisada. Sou tímida, embora demonstre o contrário, sinto dores de perdas irreparáveis, cujas dores me deixaram feridas ainda não cicatrizadas totalmente.

Tenho o dom de seguir em frente, de deixar as mágoas bem para trás, bem distantes.

Se durante minha existência, fiz mal ou feri alguém, com certeza não foi de forma premeditada, afirmo até que tenha sido de forma impensada ou mesmo inconsequente. Afinal, tenho o direito de errar, sendo eu ser humano.

Sou simplesmente eu mesma: - Nas horas que erro, nas horas que acerto. Sou uma mistura de menina e mulher, ora frágil como uma flor, ora forte como uma rocha. Aliás, fui obrigada a ser forte, senão teria sido engolida pelos algozes que o mundo insiste em colocar em nosso caminho, nos causando dissabores, nos atropelando e, porque não dizer, nos espezinhando até a exaustão.

E depois de tantas quedas e decepções, de tanto pedir desculpas por erros que não cometi, de tanto assumir culpas infundadas, decidi dar uma chance para mim. Determinei que quisesse de volta a vida que me abandonou por um grande espaço de tempo. Quero, doravante, poder dizer quem eu sou, afirmar que não tive culpa do desengano ou sofrimento de ninguém, pois, com certeza sofri muito também.

Sei agora o rumo que irei tomar. Avistei um caminho que me leva a um lugar muito distante, ou melhor, um caminho infinito. E durante essa caminhada, em alguma parada para descansar, encontrarei uma placa bem grande com os seguintes dizeres: - chega de andar sem rumo, descanse em meu colo, eu sou a FELICIDADE e vim para fazer morada em sua vida para sempre...



*Amariles Campos Machado é
cronista em Campos dos
Goytacazes Rio de Janeiro.*

*Contato:
amarilescampos@yahoo.com.br*

giordanozaguinifurtado

Samuel, transparecendo
autenticidade, dizendo verdade,
derrubando propagandas por
enxergar a açoitada cidade

A zica guerreira vai cortando as vias entupidas de automóveis
importados e caminhões de containeres,
O poeta se lança no trânsito louco para sobreviver,
e seu filho, orgulhoso do pai, na garupa
aprende no exemplo dado a vocação pra pensar.

E diante os olhos da criança tudo é um laboratório vivo,
o navio de cargas deixando a boca da barra,
a mansão do rico no costão ou o barraco num brejo,
a cor de cada um e seu respectivos dotes,
o plinar do biguá no Itajaí-açú e suas despreocupações
desenvolvimentistas,
o pôr do sol, insetos, praça, a rua,
os amigos, a força do pai.

O exercício da filosofia pede o movimento e a bicicleta o dá.
O pai e o filho pactuam o elo da dignidade e sabedoria nestes
passeios rotineiros
contra a farta apelação da ilusão e fomento de desejo que é nossa
civilização mercantil.
Foi assim que aprendi e é assim que ensinas.
Forte abraço Samuel.

Giordano Zaguini Furtado é poeta e
advogado em Itajaí.
E-mail: giornadozf@hotmail.com

O Estilingue

Nas nuvens

Fico nas nuvens...

...e sinto meu corpo em chamas!

A envolver-te, até acabar em cinzas.

Ensaio

Esqueço que sou mulher
Esqueço que sou gente
Esqueço que sou humana
Esqueço que sou admirada
Esqueço que sou forte
Esqueço que sou feliz
Esqueço que sou triste
Esqueço que sou alegre
Esqueço que sou feliz
Esqueço que eu existo
Esqueço que sou bonita
Esqueço que sou me transformando

Esqueço que te quero
Esqueço que não sou perfeita
Esqueço que sou falha
Esqueço que sou amada
Esqueço que te quero bem
Esqueço que sou que fui tua
Esqueço que te beijei
Esqueço que te adorei
Esqueço que fui uma pessoa
Esqueço que tenho talento!
Esqueço tudo
Esqueço o mundo
Esqueço a euforia
Esqueço a harmonia
Esqueço os teus carinhos

Esqueço o passado
Esqueço o futuro
Esqueço o presente
Esqueço o momento
Esqueço a minha sombra
Esqueço o sossego
Esqueço a multidão!
Esqueço do trato
Esqueço que nasci
Esqueço da traição
Esqueço do humor
Esqueço a família
Esqueço a sinceridade
Esqueço a amizade
Esqueço a solidariedade
Esqueço o perdão
Esqueço a falsidade
Esqueço que tenho direitos
Dessa vez há uma chance...
Sou real

Patrícia Raphael é poetisa e militante do movimento negro em Itajaí. Uma das fundadoras da ONG Núcleo Afro-descendente Manoel Martins dos Passos, é na atualidade aluna da ONG ADACO/Ofearte. Na literatura é fomentadora e colaboradora dos cadernos literários: “O Estilingue” e “Nas Nuvens”. Também publicou textos nos jornais: Diário de

Santa Catarina, Diário do litoral, Diário da Cidade, Caleidoscópio, Revista Papa Siri além de blogs e sites especializados em literatura.

Contato:
patricia.raaphael@yahoo.com.br

O Verão

Numa noite maravilhosa, em que o céu estava inteiramente prateado - isso porque no mesmo não cabia mais seus astros - eu estava melancólico e triste, lembrando dos amores que, por bem ou por mal, fizeram parte do meu ser. Até porque estando eu envelhecido, e não tendo alguém para me inspirar, procuro lembrar-me das belas mulheres, que numa época me fizeram estremecer de alegria e felicidade.

Será crime lembrar-nos de alguém que nos proporcionou minutos, horas, ou anos de felicidade? Acho que não. Mas a vida é assim, e o que vale mesmo não é só o dinheiro, mas principalmente a juventude, a saúde e o melhor de tudo que é a Graça Divina.

Sem esses itens o ser humano perde a essência da vida e conseqüentemente, a razão de existir. Vivemos num mundo em que o poder age sem dó e sem piedade, haja vista a guerra entre Israel e o grupo Hamas, quantas vidas foram ceifadas e quantos corações de mães dilacerados, única e exclusivamente por culpa do poder. Muitas vezes, o que me deixa triste são os poderosos se eximirem de culpa.

Vivaldo Terres é cronista, poeta e contista em Itajaí, publicou os livros: Mulher (versos), Contos e encontros (prosa) e Fragmentos (versos).

E-mail:
vivaldo.terres@yahoo.com.br



Vivaldo
TERRES

amosse mucavele

O viajante 100 sono

Para Filinto Elisío



Há gritos que o tempo e as suas garras não conseguem calar, muito menos apagar o fogo que branda no universo deste medo que se chama morte. Desordenado, num espaço descalço de construções verticais da felicidade que mantém a metáfora das asas coladas na estrada cicatrizada de buracos de sangue, empoeirada de lágrimas costuradas por uma agulha com linhas de tristezas no corpo do destino incerto.

Onde o medo invade a vida privada dos passageiros ensardinados no machibombo. A viagem continua profunda e longa, com vozes a apedrejar a chuva em pleno florescimento agreste do nevoeiro que desafia a consternação do chicote das abelhas ensurdecedoras.

E para melhor içar esta viagem no limbo enxertado ao modus vivendi das árvores do bosque e da toponímia da estação que se segue. O último suspiro de alívio ampara a alegre dissertação do viajante arquitectado pelo naufrago do cansaço.

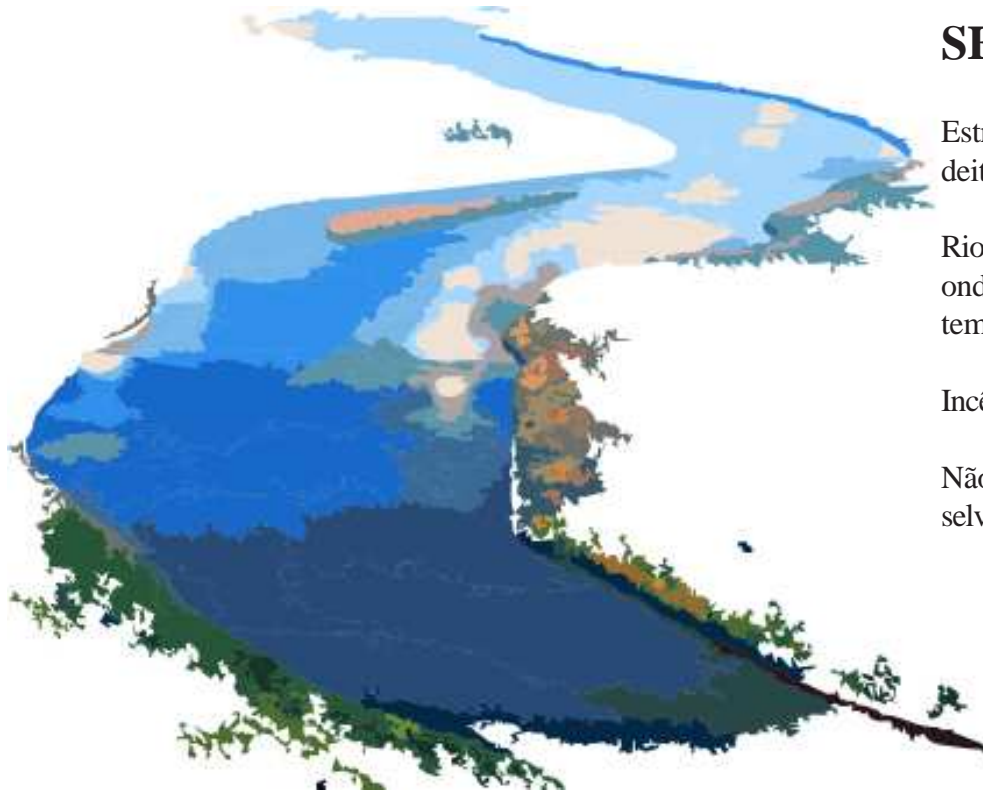
Amosse Eugenio Mucavele nasceu em Maputo- Moçambique, membro fundador do Movimento Literario Kuphaluxa. Faz parte da equipe editorial da Revista Literatas- Revista de literatura moçambicana e lusófona, colabora no Pavilhão Literário Singrando Horizontes-Academia de Letras do Paraná, ricardoriso.blogspot.com, Jornal Coruja, organizou a antologia da nova poesia moçambicana publicada na Revista Zunai. Tem poemas publicados na Revista Eutomia e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco. amosse1987@yahoo.com.br, arqueologiadapalavra@gmail.com

Tânia Tomé

RIO

Me ancoraste
exactamente aqui
onde te rio.

Ri comigo
meu amor,
vê
como se amplia
o cais.



SELVAME

Estrelas no chão
deitadas de ventre

Rio incestuoso
onde a noite
tem caroço

Incêndios

Não me salves,
selva-me!

Tânia Tomé é de Moçambique é cantora, compositora, poetisa, declamadora e apresentadora de espectáculos e televisão. Licenciada em Economia, e pós-graduada em Auditoria e Controle Gestão, exerce actualmente a sua função de chefe de crédito e mitigação de riscos em instituição financeira. É membro da Associação dos escritores Moçambicanos, da Associação dos músicos moçambicanos, da Associação dos Poetas del mundo e membro correspondente da Academia Rio-Grandina de Letras do Brasil.

Contato: info@taniatome.com
www.taniatome.com
www.showesia.com

O Estilingue

A pescaria em extinção e a devastação das matas da costa marítima

Quando cheguei na pequena cidade litorânea de Itapema, denominada historicamente no idioma Brasileiro, ainda viam-se os grandes molhes de tubarões na faixa de areia aguardando para ser recolhidos pelos proprietários das salgas (micro empresas de pescados) que compravam os pescados dos pescadores artesanais do local, coisa que com o passar dos anos foi desaparecendo juntamente com os pescadores que, devido o afastamento deste pescado da nossa costa, aumentava cada vez mais os riscos de vida dos pescadores. Pescadores estes que ao sair mar adentro atrás dos pescados, muitas vezes não retornavam.

Outra coisa que também chamou a atenção foi o desaparecimento da procriação da sardinha nesta área, os grandes cardumes eram tão abundantes que ao amanhecer encontravam-se milhares de alevinos mortos na faixa de areia, devido à perseguição de seus predadores que geralmente era o peixe-espada e outras espécies acabavam se envolvendo com as quebraças das ondas que os jogava na areia fazendo com que morressem encalhadas.

Mas o que quase ocasionou a extinção dos cardumes foi a pescaria industrial do atum, pois para pescar o atum é necessário utilizar-se da isca viva e os alevinos da sardinha em processo de crescimento é a isca mais indicada. Foi assim que os barcos atuneiros, descobrindo a reprodução nesta área, passaram a capturar os cardumes e acabaram quase dizimado a procriação ali naquele lugar.

O que vem garantindo o sustento das famílias dos pescadores, é a pescaria do camarão sete barbas e a criação de mariscos em cativeiro, com muita precariedade, já que os pescadores têm que respeitar os meses de defeso do camarão. Estes testemunhos como o meu, que tem um acompanhamento nesta e em outras questões de sobrevivência no estado, e quem pode avaliar e mostrar aos demais que a nossas condições de sobrevivência não andam lá muito bem e cada vez traz mais preocupação para quem realmente se interessa pelas causas de muitos pais de famílias de baixa renda.

João Carlos Pereira cronista em Itajaí e amante da natureza (em memória)

SAMUEL

da Costa

*Para Delta Maria de Souza Maia (em memória)
e João Carlos Pereira (em memória).*

Kriseide

“Naquela manhã de aragem fresca... de vento feliz. Só o vento podia tocá-la, Se bem que eu queria, mas ela não quis...”

Vivaldo Terres

Era um tanto inusitada a presença do jovem promotor naquele local. Ele não combinava em nada com o bar do Garrafão e isso era um fato inegável. Ao adentrar no recinto, Missael Da Maia não notou os olhares furtivos e estupefatos daqueles que ali frequentavam. Os fregueses do bar, em sua maioria, eram trabalhadores do mar e da construção civil e algumas figuras fáceis, bem comuns, do submundo do crime. Olhavam o indivíduo de terno e calça social de cor preta, gravata vermelha, sapatos pretos bem engraxado usava um perfume unissex caro e discreto, de pele morena e os olhos ligeiramente puxados, como se fosse um animal exótico. E numa olhada rápida pelo local, o promotor encontrou afinal quem estava procurando. O policial militar estava jogando cartas em um canto do bar. O promotor notou que o policial

militar era o único branco no lugar. Era quase isso, havia também uma jovem mulher de pele alvíssima, loura e de olhos claros e trágicos no fundo do bar. Ela parecia alheia ao palavreado chulo, ao barulho que saía da jukebox, ao cheiro de álcool e de cigarro barato do lugar.

— Uma cerveja, por favor! — Pediu o “doutor Da Maia” ao sentar junto ao balcão. Teve, ainda, o ímpeto de tirar do bolso uma cigareira de couro importada e acender um cigarro, também importado, em um gesto teatral. O dono do bar, não escondeu o nervosismo ao atender o inusitado freguês.

— O que “tu” quer vindo aqui, guri? Perguntou de forma áspera o dono do bar, antecipando a pergunta de algum “habitué” do recinto. O dono do bar questionou Missael dessa forma áspera e firme, para evitar algo bem pior.

— Doutor Da Maia, o que veio fazer “nesse” covil de bestas? — Era o soldado Silveira, que viera acudir o jovem promotor. Deixara a jogatina a dinheiro, e também por diversão, para ver o que aquele “guri” queria, de fato, ao adentrar naquele “recinto de bestas”.

— Eu só queria tomar uma cerveja, e mais nada soldado...

— Ora, doutor! Tu não “tá” no tribunal, o expediente acabou faz tempo! Oh Garrafão, manda a “gelada” que o meu amigo pediu. Serve na mesa lá de fora. Manda também dois copos.

A pergunta que passou na cabeça do jovem promotor naquele momento foi como seu velho pai, que nascera em Angola e andara meio mundo, sempre em áreas de conflito, sobrevivera a lugares como aquele ou piores ainda, se comportaria? Estar ali era, também, uma forma de entender o seu velho pai, entrar no mundo do seu progenitor, e tentar sair vivo e bem. Missael, de repente, lembrou-se de uma advertência do velho Aristo: “Meu filho, antes de tudo, procure entender as pessoas, e só assim meu filho, “vás” encontrar o teu lugar neste mundo. Senão compreenderes as outras pessoas, não te compreenderás a ti mesmo!” E, de fato, compreender o pai era um mistério para Missael. E ir procurá-lo em lugares como aquele, mesmo que de forma inconsciente, era uma forma desesperada de encontrar a si mesmo, e seu

lugar neste mundo.

Foi com o frescor da noite, na frente daquele bar, no bairro periférico, que Missael começou sua procura desesperada para entender o seu pai e a si mesmo. A mulher que estava no fundo do bar decidiu sair de onde estava. Caminhou sem que ninguém a importunasse. Passou entre o soldado Silveira e Missael, deixando um perfume forte de flores no ar. Saiu porta afora como se flutuasse e desapareceu em meio à noite escura, sem olhar para trás, como se fosse um fantasma. Missael ficou angustiado com aquela figura. Queria ir atrás dela e fazer mil perguntas, mas ficou com medo. Não das perguntas, mas das possíveis respostas que aquela criatura etérea poderia dar. Não demorou muito para o dono do bar Garrafão, um pouco mais calmo, servir seu mais novo freguês e o soldado Silveira.

— O que senhor quer comigo doutor Da Maia? Por que, afinal, veio me procurar aqui? — Era uma pergunta óbvia para ambos, para uma situação também óbvia.

— Quem disse que vim te procurar, soldado? — Era despreocupado o tom de voz Missael

— Olha doutor, “tô” há um “tempão” trabalhando na polícia. Estou vivo e muito bem vivo há um bom tempo nessa minha profissão e, por isso, não me trate como qualquer um, por favor! Já passei dessa fase faz tempo...

Missael deu uma risada alta, chamando a atenção de todos dentro do bar, para os dois.

— Algum problema Tenente? — Quem perguntava era Sebastião, ainda com o taco de sinuca na mão. O pescador artesanal, com sua cor de ébano, dois metros de altura e com um olhar duro, não intimidou Missael.

— Nada Tião, volta pro jogo! Meu amigo mal começou a beber e parece que “tá” bêbado. — Foi o suficiente, para que todos começassem rir, menos Missael que se fechou em uma cara de poucos amigos.

— Volta para o teu jogo Tião! Anda! Aqui “tá” tranquilo! Podes crê meu irmão! Sabe de uma coisa, doutor promotor? — Disse voltando a encarar o jovem promotor de frente com o olhar vil de uma cobra — O teu apelido por aí é Japa. Os teus amigos engravatados te chamam assim, meu caro amigo doutor, menos na tua frente, é claro! — Disse isso e começou a rir com uma criança.

Silveira estava em seu habitat natural. Ali ele não era mais um soldado. A disciplina de quartel não cabia ali, muito menos a lógica dos tribunais. Missael começou, enfim, a entender as pessoas e onde estava de fato naquele momento.

— Minha mãe é da etnia Wapixana, meu pai é africano. Tenho tanto quanto mais direito de frequentar este bar exclusivo, só para nativos, seu branquelo pal-

O Estilingue

O Estilingue

mito desgraçado. — O tom de voz de Missael não agradou Silveira.

— Olha doutor, olha bem para o Tião! Quando entrei neste bar, pela primeira vez, ele queria me matar. Ele não gostou que um estranho, que um branco azedo, como eu, aparecer por aqui, por estas bandas. Entendeu, meu caro amigo doutor Japa. Este é um dos poucos lugares na cidade, “aonde” gente engravatada não manda em nada! Tu és mais um burocrata que nós sustentamos. Damos boa vida, para gente engravatada, caro amigo doutor promotor. É assim que este povo encara a vossa digníssima pessoa!

— “To” começando a ficar como-vido, soldado!— Missael não media as palavras que dizia, o álcool começava a fazer efeito em sua mente pouco acostumada com bebidas.

— Só não me partiu em dois por causa do taxista que me trouxe aqui pela primeira vez. Ainda posso ver a confusão e o sujeito dizendo: — Não bate no tenente... não bate no tenente”. Era meu primeiro dia na cidade. Eu “tava” a paisana naquele dia. Sabe o que eu disse para o Tião depois que ficamos amigos? O que é um branco, senão um negro virado do avesso!

— Que história comovente...

— Queria saber, o que tu “quer” comigo doutor promotor! Vou te perguntar “di” novo. Por que veio aqui atrás de mim?

— Como o Fábio Ramos morreu?

— Tu “quer” saber como aquele safado morreu? É só ler o inquérito e os autos do processo, doutor Japa, porque nos jornais não saiu nada!

— Ora, não foi isso que eu perguntei, soldado Silveira! Perguntei como foi que o promotor que eu substituo morreu?

— Kriseide era o nome da beldade! Um raio de sol no meio da escuridão, caro amigo. Dizem que quando ela passava deixava um rastro: cheiro de flores! Outra coisa que o povo conta, é que ela era cigana ou filha de ciganos, coisa assim. Olhos claros e pele branca igual a uma cera, rosto perfeito... ainda quer ouvir o resto doutor? — O policial militar encara o promotor em tom de desafio.

Missael estava um pouco apreensivo com o rumo da conversa. Estava preparado para tudo, menos para aquilo. Esses assuntos em cidades pequenas, em geral, eram coisas delicadas. Não sabia o rumo que iria tomar a conversa “informal”. Mas decidiu ir em frente com a coisa toda. Não poderia seguir sem saber onde estava se metendo.

— Quero sim, quero saber de tudo!

O policial militar não sabia, e não tinha como saber, mas Fábio e Missael estudaram juntos na universidade e eram bons amigos. Foi Fábio que o convenceu a fazer o concurso para promotor de justiça. Ambos fizeram, e Fábio tirou em

primeiro lugar, Missael em segundo.

— Essa mulher esquisita, que tinha o péssimo hábito de fazer os homens se apaixonarem por ela, acabou se casando, não se sabe por que cargas d’águas, com o nego Acácio. Foi um alívio para as mulheres casadas e para as solteiras também. E um desespero para alguns homens casados e solteiros, inclusive. O teu colega de ofício era um desses solteiros desesperados. Ele não gostou muito de ver aquela beldade com um negro qualquer. — O soldado para de falar e bebe um gole, demorado, de cerveja. Bebia como para tomar fôlego. — Então, um dia, o jovem cheio de ambições e desesperado promotor Fábio Ramos, possesso da vida, decidiu acabar com a coisa toda, com aquela afronta à sua figura de todo poderoso ofendido. O promotor Fábio Ramos saiu do fórum, dizem alguns, passou naquele bar “chiquetoso” no centro da cidade, tomou uma e outras dos bons e velhos importados, e foi atrás do nego Acácio para tomar satisfação. Ele foi encontrar o Acácio na casa dele. Aí dizem que o doutor Fábio acabou matando o pobre coitado, matou o nego Acácio com as próprias mãos. O resto o senhor já sabe, creio eu: a fuga, as quarenta e oito horas, a detenção, curso superior, cela especial, o habeas corpus, processo arquivado, família influente, absolvição, operação abafa e tudo mais...

O Estilingue

— Nossa! Não li metade disso nos autos...

— Novidade, caro doutor Japa? O que esperava ler? Jovem branco, rico e com curso superior mata pobre, negro e trabalhador em acesso de fúria passional?

— E a mulher? O que aconteceu com ela? - As palavras saíram da boca de Missael de forma mecânica.

— É aí que a porca torce o rabo, meu bom doutor Japa. Alguns dizem que

ela se matou. Já outras preferem dizer que ela pegou um barco qualquer e sumiu em mar aberto. O negócio foi que a mulher desapareceu como por encanto, logo após o nego Acácio ter morrido.

— Mas isso não explica o fato...

— Não explica com o teu colega de trabalho, jovem branco, rico com curso superior, ter aparecido morto dias depois do julgamento relâmpago que o absolveu não é? O jovem promotor apareceu morto na casa dele. Tinha um buraco na cabeça... o engraçado, caro amigo doutor Japa, era o cheiro quase insuportável de flor no lugar. Aí cada pessoa sentia um cheiro diferente de flor! Outras dizem não sentir nada. Parecia um suicídio: não encontraram as digitais do Fá-

bio Ramos na arma que encontram ao lado do corpo...

— Essa mulher... Será que está morta mesmo? — Missael sente a garganta seca ao fazer a pergunta para o soldado que estava sentado calmamente na frente dele. Tomou um gole no copo como para aplacar a secura na garganta. A impressão que Missael teve era que o soldado esperava Missael para contar aquela história fantástica.

— Olha! Com esses anos todos de polícia que tenho nas costas, eu não me engano, meu caro amigo doutor Japa. Deve estar morta sim. Mas o que fica na cabeça das pessoas é o que importa. E a imagem dela que todos têm é daquela criatura... criatura... — O soldado tenta encontrar a palavra certa, mas não consegue.

— Etérea... que andava como se flutuasse... e o cheiro de flores que exalava quando caminhava, os olhos claros e a pele branca com uma cera!

— Kriseide era uma mistura de anjo e demônio, meu caro amigo doutor "Japa"! Era um mistério materializado em um corpo de mulher, se isso é possível.



Samuel da Costa é contista, poeta, cronista e militante do movimento negro em Itajaí. Publicou os livros: Horizonte vermelho versos e Uma flor chamada margarida verso e prosa. E-mail: samueldeitajai@yahoo.com.br

Ana Paula KALANTÃ

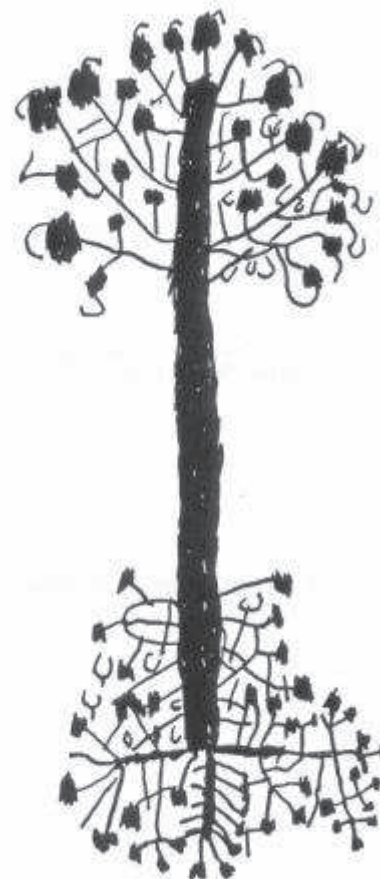
Um dia

“Um dia, quando a fumaça encher o peito do céu, o trovão vai ficar doente também e vai gritar de raiva, sem parar, sob o efeito do calor... Assim o céu vai acabar rachando, os Pajés que morrem são muitos e vão querer se vingar... Quando os Pajés morrem, os seus Hekurabê ficam muitos zangados. Eles vêem que os Nabebes fazem morrer os Pajés, seus pais. Os Hekurabê vão querer se vingar vão querer cortar o céu em pedaços, para que ele desabe em cima da terra.

Também vão fazer cair o sol, e quando o sol cair, tudo vai escurecer. Quando a lua e as estrelas caírem, o céu vai ficar escuro. Nós queremos contar tudo isso aos Nabebes, mas vocês não escu-

tam. Eles são outra gente e não entendem ou não querem. Eles pensam: - Este povo simplesmente está mentindo.

Mas, nós não mentimos. Os Hekurabê estão aqui conosco e o céu também está, bem como o espírito de OMAMÊ que nos diz: - Não fiquem desesperados! Mais tarde, nós vamos ter nossa vingança! O governo, os Nabebes que não gostam de nós, pensam que são poder, eles destroem tudo e não sabem que também vão morrer? Nós vamos todos morrer, quando o céu acabar rachando, mas eles também acabarão morrendo... É assim que pensam os Hekurabê, é assim teremos nossa vingança”.



Ana Paula Kalantã, da etnia Indígena Pataxós.

É natural de Pau Brasil interior da Bahia, mas naturalizada em Salvador. Filha e neta de nativos indígenas, formada em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Faz palestras e escreve sobre os costumes, luta e cultura dos povos indígenas. E-mail: paulinhakalanta@yahoo.com.br

Luana

Santos de Oliveira

Reação Esperada



Reação esperada
Trajetória na jornada
Saiu rasgando tudo
Xingando todo mundo

Revoltado pacas
Chutando latas
Entendo seu estado
Depois de pressionado
Reagiu conforme o esperado

Agora imagino
que foi o fim da linha
Nem perdas, nem ganhos
Apenas lembranças
na minha vida

O Estilingue

Cláudia Telles

SE AINDA FOR TEMPO



... luz nos caminhos sempre abraço “Inspirei” fundo contemplando o vazio branco da tela, lembrei o nome da revista “Estilingue”, me veio uma imagem e um querer, pensei num texto com palavras minerais, submetidas a forja da escritura, fiz um poema pedra.

Enquanto caminho pelo vazio do papel penso em descartá-lo, depois o seguro firme na mão e devagar leio as sonoridades, examino-o, meço sua dimensão e seu peso.

Esse ritual me traz lembranças, faz surgir idéias infan-

tis e transgressoras sobre possíveis usos do meu poema pedra, bem ao gosto de poeta.

Guardo-o cerimoniosamente na sacola de pano que trago junto ao quadril e vou para o campo das desigualdades, sem receios e confiante.

Pego o poema, coloco no couro seco, estico a borracha, seguro firme e miro o alvo por entre a forquilha de dura goiabeira, desapego, atiro-o sem piedade entre os olhos do gigante.

Acerto-o em cheio...

Ele não cai, mas fica tonto...

Cláudia Regina Telles, natural de Luis Alves/SC, poeta que pesquisa diversas linguagens artísticas que utiliza em sua poética, graduada em Letras pela UNIVALI e cursou Artes Cênicas na UDESC.
Contatos: claraluacheia@yahoo.com.br
<http://www.claudiareginatelles.blogspot.com>

*por Cláudia Regina Telles
em 28 de dezembro de 2011*

ALMA

MESTIÇA

Alma pura que fala a verdade, alma simples que diz não quero ser dominado, alma suave que diz com segurança quem vocês pensam que são, quero explodir de liberdade e vir e ir a qualquer hora, quero poder levar o brilho da minha pele escura a qualquer recanto não quero ser colonizado ou escravizado quero poder expandir minha mente até o máximo da sabedoria não quero mais ver hipócritas dizendo que vão me ajudar para depois me matar não quero ver meus irmãos sendo mortos nas favelas e vielas da vida quero ver a liberdade para o povo sem precisar aceitar suborno, ou favores quero lutar só com Jah, para ver a massa afro gritar a conquista de suas raízes com grito de somos livres.



*José Luiz P. Grando, historiador e militante do movimento negro em Itajaí.
Organizador do Sarau Para a Mãe África e o povo Brasileiro.*

LARISSA Alves

Mobilidade Urbana, a grande problemática das cidades

Berlin é vanguarda mundial quando o assunto é mobilidade urbana; ocupação de grandes cidades por pessoas e humanização dos espaços públicos. A arte, a criatividade e o design – todos à serviço da sustentabilidade – estão em cada bairro, feira de rua ou parque da capital alemã. Onde tudo funciona, e o sistema é integrado, há pontos estratégicos espalhados pela cidade que, usam os transportes adequados motorizados, ou não.

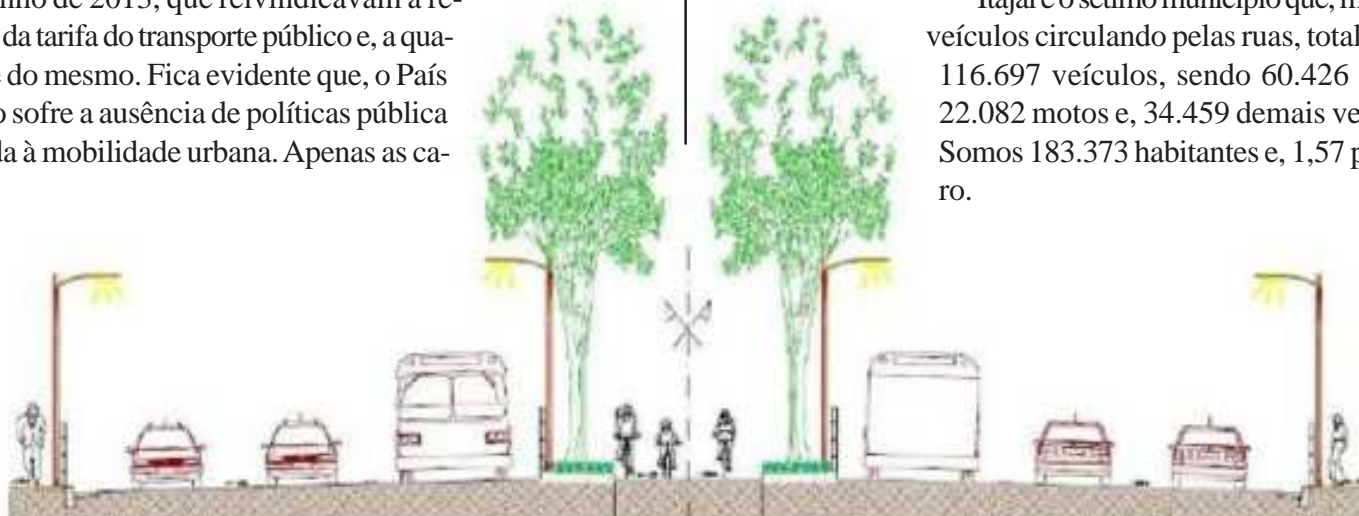
No Brasil a ideia de usar transporte motorizado, é muito nova, tem em média 50 anos. Antes disto, as pessoas locomoviam-se de bondes, bicicletas e, a pé. O transporte motorizado era usado apenas aos finais de semana, para os passeios.

Diante das manifestações que ocorreram em Junho de 2013, que reivindicavam a redução da tarifa do transporte público e, a qualidade do mesmo. Fica evidente que, o País inteiro sofre a ausência de políticas pública voltada à mobilidade urbana. Apenas as ca-

pitais apresentam um modelo padrão de transporte público. Nota-se que, as cidades estão projetos para um único transporte: o carro. Mas normalmente, o trânsito não é planejado, não há vias para ciclistas, ocupa muito espaço e, não é sustentável. Itajaí em especial, sofre também com a travessia fluvial, afinal de contas apenas o Rio Itajaí Açú separa as cidades de Itajaí e Navegantes, onde há uma cobrança muito alta para realizar a travessia.

Somente a requalificação dos transportes públicos poderá reduzir o ronco dos motores e permitir que as ruas deixem de serem “vias” de passagem e voltem a ser locais de convivência. Quem sofre com a ausência de planejamento das cidades, o não investimento de políticas públicas para o transporte coletivo de qualidade, é o cidadão.

Itajaí é o sétimo município que, mais tem veículos circulando pelas ruas, totalizando 116.697 veículos, sendo 60.426 carros, 22.082 motos e, 34.459 demais veículos. Somos 183.373 habitantes e, 1,57 por carro.



*Larissa Alves é aspirante à engenharia civil em Itajaí
Contato: larissa.ap.alves@hotmail.com*



Por que viramos as costas para o rio?

**M
O
A
C
I
R**

Kienast

Por que esquecemos nossas raízes? Começo o texto com uma pergunta, assim como faço no título. Sei que fugir das regras gramaticais me faz desperdiçar anos de estudo e esforço de minhas professoras (olá Nalba, Simone, e mais algumas que muito insistiram em me ensinar português no CAU e depois na UNIVALI durante a faculdade), porém o intuito desse artigo é continuar a reflexão coletiva que há na cidade a respeito do resgate de nossas origens.

Leio em algum lugar a falta de “intelectuais” ou a perda de interesse pelo estudo da história da cidade, e vejo esse abismo ligado diretamente a uma perda da identidade de Itajaí. Tudo bem, somos uma cidade de migrantes, com pessoas de todo o mundo influenciando na cultura, pois as portas abertas do porto nos fez assim. Porém temos uma formação maior, uma característica rara e pertinente desses homens que habitam as margens e foz do rio Itajaí-Açu: Habitamo-nos a não perpetrar nossas raízes.

E vemos isso todos os dias, com a modificação berrante arquitetada pelos magos da verticalização do centro velho, histórico(?), pela alteração de nossa identidade em detrimento de uma festa comercial (leia o livro *A Maquiagem Possível*, do Professor José Roberto Severino) pela destruição sistemática da Praia Brava, pelo esquecimento da estrada de ferro que um dia nos serviu economicamente (cadê as referências que aqui já houve uma?) pelos ciclos econômicos únicos, pela pesca deteriorada, pelo rio poluído, nas marinas públicas(?), nos clubes náuticos que nem mais times têm, nas famílias que construíram essa cidade, nas empresas e prédios centenários, na igreja, na cultura de cada bairro.

Pode soar negativamente uma reflexão dessas desconsiderando o patamar que Itajaí está atualmente. Caminhamos, avançamos, porém sem uma linha reta que não nos faça dar voltas. Sem um horizonte. O povo que não olha para trás não consegue andar para frente. Não consegue evoluir, crescer como cidade. Sere-

O Estilingue

mos apenas mais um aglomerado de gente.

Quero e procuro incitar o debate. Por que viramos as costas para o rio? Por que não temos mais o Itajaí Açu como referência? Por que temos uma festa que nada nos traz de cultura e que virou mera formalidade do calendário? Organizada e agradável, mas trazendo prejuízos para os cofres públicos? Falando em marejada, só traremos qualquer referencia cultural e de valorização do povo de nossa cidade quando virarmos ela para o rio. Quando realizarmos competições náuticas pelos parques que temos na cidade. Quando reativarmos os clubes náuticos com equipes que possam levar o nome de Itajaí para outros patamares. A festa do peixe ainda é um exemplo da união e con-

fraternização do povo português em torno do mar. Deveria ser feita em vários bairros simultaneamente. Os festivais de terno de reis, a forte influência religiosa (católica e protestante), o linguajar característico também são fontes riquíssimas de cultura. Portuguesa. Mas e os alemães? Basta olhar para as placas das ruas para vermos a forte em Itajaí. E os italianos? E os africanos que aqui também chegaram?

A construção de Itajaí se fez pelo rio, e no rio é que vivemos. Dali que viemos, todos, alemães, portugueses, descendentes. É dali que vem nossa maior fonte de economia. Somos cortados por ele, são nossas veias. São nossas fronteiras. Nossa raiz está no rio. E estamos de costas para ele.

Moacir Kienast é itajaiense, Guarda Portuário e comunicador.

Contato: moacir@quersurf.com.br



O Estilingue

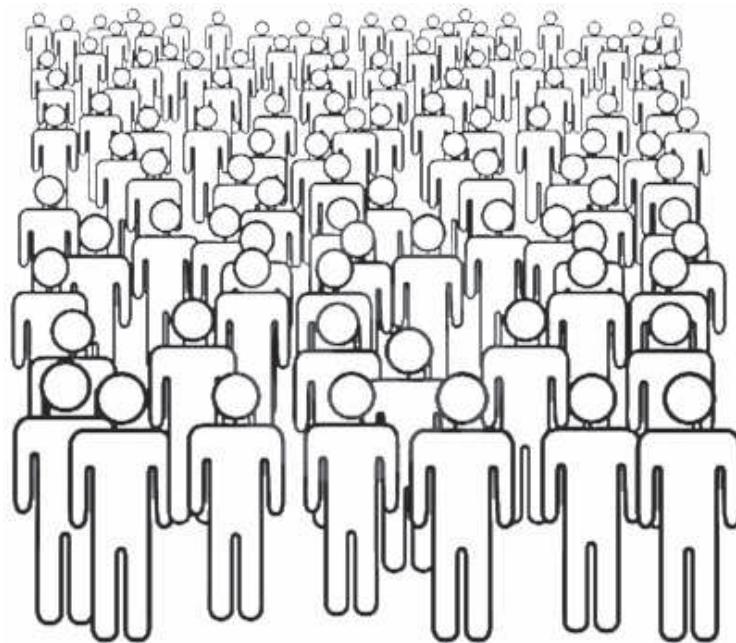
DINIS
Muhai

S/Título

As multidões têm a incoerência
Duma bandeira patriótica

A fragilidade das suas convicções
É como olhar para o vento
E desejar domesticá-lo

Estranho fenómeno!
Aprendi a subtrair-me.
A individualidade com que suporte
O fardo da exclusão
É como a clarividência dum pescador
Que refuta fazer-se ao mar
Quando a tempestade vem.



Dinis Muhai, vive em Maputo, é co-fundador do Movimento literário Oásis (1997). Colaborou na revista literária brasileira Poesia Sempre. É autor da história em quadinhos Nossos Direitos. Publicou o livro de poesia Rascunhos para uma comunicação improvável (Prêmio T.D.M na Modalidade Poesia, 2008).

O Estilingue

ROBERTO

Lamim

A sombra

Mergulho nesse imenso abismo
Coberto por uma camada de tristeza,
Triste, fumando um cigarro, à beleza
De um quadro de profundo goticismo.

A chuva cai tristemente...
Passa uma sombra... O vento gela
A camada fina da pele, e ela,
Uma sombra magra, anda silenciosamente...

Acendo outro cigarro! A sombra- companheira abstrata-
Alterna entre formas de artísticas poses,
Ora penumbra, ora silhueta esbelta, closes
De imagens fotográficas que a luz retrata.

Tão densa e rígida é a nossa carne. A matéria,
Enfim, esconde o vazio e escuridão...
A sombra produz a solidão
Que germina o egoísmo, envenena a artéria...

Silenciosamente e triste noite, não chores, não chores!
És e sempre serás: A noite que ilumina
Os poetas, os doentes, os loucos, e alucina
As mentes dessa solitária estratosfera de horrores!



O Estilingue

Rua Joaçaba, nº 724

bairro São Vicente, Itajaí

Fone: 9126.4134

E-mail: contatorevistaoestilingue@gmail.com

Editor: Samuel da Costa

direção de arte: Anderson Luiz da Silva (Jamaica)

Revisão Amariles Campos

conselho editorial: Moacir Veiga Kienast, Vivaldo

Terres e Patrícia Raphael

Apoio Cultural:



Prefeitura
de Itajaí



Fundação Cultural de Itajaí



Lifting Global Trade.
APM TERMINALS

Mansur Pinturas

mansurpinturas@hotmail.com

(48) 8447.9800 / 9909.0555



Fone: (47) 9988.4407

jornalcaleidoscopio@hotmail.com



ASSOCIAÇÃO DE BODYBOARD DE ITAJAÍ



VINHETA, ANUNCIO, CRIAÇÃO DE ÁUDIO,
EDIÇÃO DE VÍDEOS E MÚSICOS PARA CASAMENTOS,
FORMATURAS, ANIVERSÁRIOS E EVENTOS SOCIAIS.

(47) 9604.4551 / 8434.6637

rodrigoamo.musica@hotmail.com

eduardo QUIVE

O Guardador de Coisas

Tempos difíceis se passaram. Moldaram-se outras alturas por onde perpassam ressonâncias que as gentes se desencantam. Constroem-se os prédios e os homens aumentam. Inundam-se os campos e as mulheres ainda sustentam expectativas. Os tempos que passaram pelo menos deixaram que as chuvas não devastassem a esperança que impera.

Cristo sai, pela rua 15, ao amanhecer da noite depois que o sol adormece. Há anos é guarda noturno e guarda para além das coisas, vidas de gente e de animais desde gatos, cães, ratos, e outros répteis que sucumbem por dentro da casa que agora parece abandonada. Já se foram tempos em que guarnecia os brancos lá da Alemanha que vieram se hospedar na residência. Agora guarda coisas, apenas isso sabe.

No princípio fervia com as luzes que enchiam a cidade, com o silêncio dos homens rompido por delírios de cães e outros bichos da noite. Tempos difíceis foram esses. Havia ladrões por aturar toda noitada, ser guarda era digno de confiança e amabilidade. Agora ser guardador de coisa é ser apenas mais uma coisa que se tem a guardar. Mas Cristo preza a sua profissão como ama sua família composta,

além de si, por seu filho, Pedro, 17 anos de idade, estudado graças ao atestado de pobreza que conseguira com esforços e corrompimentos na administração. Agora é seu sonho ingressar para a faculdade de direito. Porém conhece seu talento é pensar, observar e escrever boas histórias. Recentemente concentra-se em histórias de amor. Mas mais ainda, cabe-lhe adormecer nas noites enquanto seu pai de olhos abertos guarnece quinquilharias dos brancos lá de Germany.

Cristo revela-se desde idos tempos um exemplo de confiança, apesar de ser magro, olhos para dentro, cabeça a pesar-lhe entre os ombros, pescoço magro, alto, escuro e quase velho. Pelos tempos que passa poderá ter não mais de 30 anos. Mas ser certo na sua idade é esforço gratuito, afinal, pelo que se é notável, algo o come por dentro e cada vez mais envelhece. Faz anos que não tem aquele corpo que lembra com saudosismo quando vê miúdos a passarem pela rua José Craveirinha, pelos andares da Somarshild, no peito da burguesia estrangeira que vive no Maputo. De eterno amante de futebol que vangloria desde tenra idade o Desportivo, clube de família, na alegria e na tristeza na saúde e na doença que nunca passa desde que ganhara as últimas taças, agora tornou-se num simples guardador de sau-

dosas lembranças nas noites que dorme de pé.

Quando jogavam no Xicampuanini, Mafalala, recorda-se, usava a camisola 7, era o maestro das jogadas, se não passava por dois então era o que fazia os melhores passes que davam sempre em golo. Das vitórias que se faziam a cada jornada, das cervejas que se despejavam da sua garganta jovem nas pequenas barracas improvisadas no bairro de madeira e zinco, da Jorgina, mulher a que apalpava os seios enquanto cheirava ainda a sevada; esta, por sua vez, esfregava-se no seu peito de grande jogador, um verdadeiro ponta de lança. Foi com Jorgina que marcou o seu crescimento quando teve Pedro na primeira relação sexual. Dos amigos que sempre disputavam para tê-lo nos 11 em campo. Ah tempos, tempos, tempos. Quem matará a

eterna saudade que o tempo dá? Quem mais pode amar o tempo se este não o deu bons frutos? Tempos, tempos, tempos, quem te trará de volta, ó enigma.

Em instantes, a saudade murcha. Volta para sua cadeira de ferro no canto da rua quando apenas cães ladram sob o não passar de gente. De quando em vez entram carros de luxo nas vivendas, aí diversificam-se os ruídos. Vira e olha para o interior da casa que guarnece, vê plantas que cada vez mais crescem, pressente uma mata. Ouve os gritos de cães que, há já cinco anos, gritam com voz rouca. Vê as mesmas luzes acesas da casa. Para variar nessa noite a casa parece mover-se. Mas não se agita. Todo o caos virá de fora para dentro, essa é a incerteza, afinal o que vem de fora é o que sempre espera e está preparado para enfrentar



Eduardo Quive é escritor e jornalista na cidade de Maputo em Moçambique. Editor da revista “Literatas – Revista de Literatura Moçambicana e Lusófona” do Movimento Literário Kuphaluxa, agremiação de que é um dos fundadores. Correspondente em Moçambique do jornal angolano de artes e cultura “Cultura”. O seu primeiro livro de poesia intitula-se “Lágrimas da Vida Sorriso da Morte” (FUNDAC, 2012).

*[E-mail: eduardoquive@gmail.com
[Blogue: www.quivismo.blogspot.com
Fonte: Revista Literatas nº53, março de 2013*

O Estilingue

HÉLDER
faife

F
I
M

que o fim seja
um lento e suave striptease
livrar-me de mim roupa a roupa
despir as máscaras e disfarces da vida

desabotoar a invernal gabardine da pele
aliviar o zíper da carne que me gangrena
o gorro crespo que me postiga
as garras sujas que me desfelinam
descuecar-me das vísceras mais íntimas
desroupar-me até as vértebras

e de alma nua usar luvas
recolher tudo do chão
e entulhar num caixão

... E o brilho da minha pele
escura, a qualquer recanto não
quero ser colonizado ou escravizado...

José Luiz P. Grandó

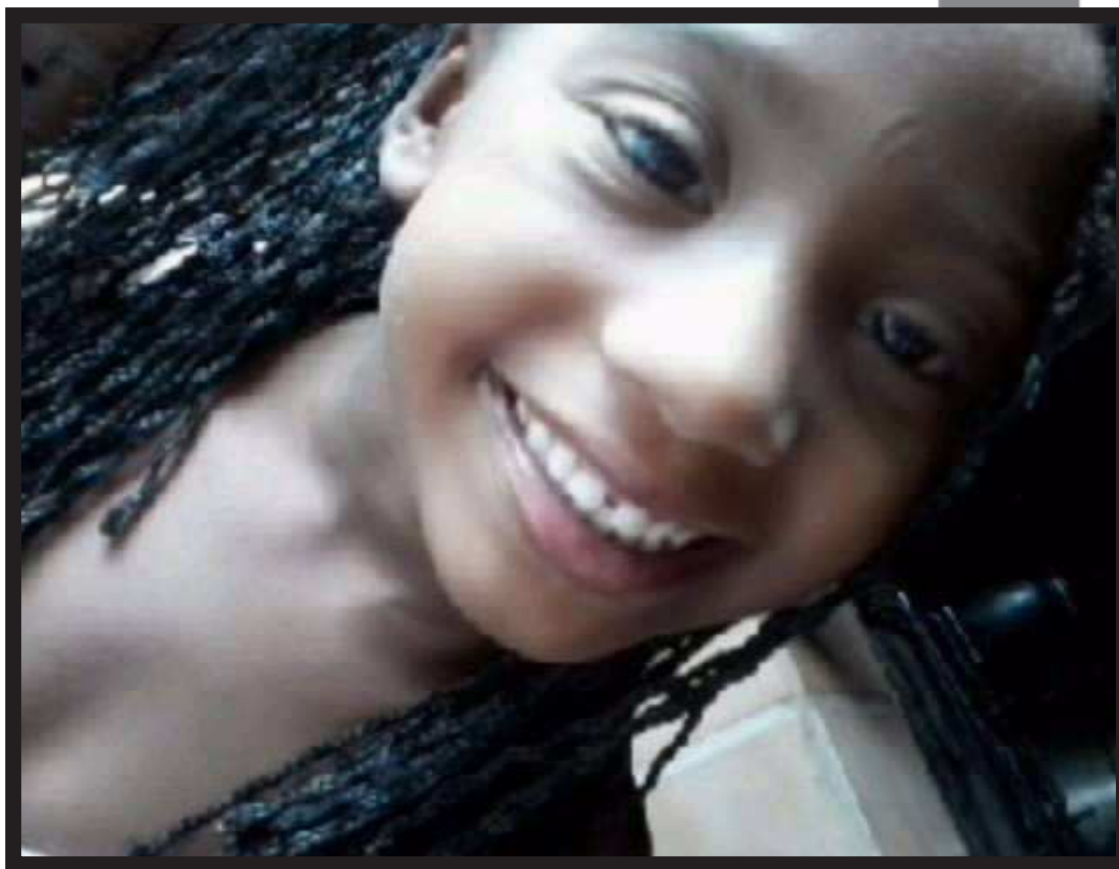


Foto: Letícia Regina Rita

Amariles Campos Machado / 05
Giordano Zaguini Furtado / 07
Patrícia Raphael / 08
Vivaldo Terres / 09
Amosse Mucavele / 10
Tania Tomé / 11
João Carlos Pereira / 12
Samuel da Costa / 13
Luana Santos de Oliveira / 18
Cláudia Telles / 19
José Luiz Grando / 20
Larissa Alves / 21
Moacir Kienast / 22
Dinis Muhai / 24
Roberto Lamim / 25
Eduardo Quive / 27
Hélder Faife / 29

